

**A FUNDAÇÃO DA INTERNATIONAL PSYCHOANALYTICAL ASSOCIATION (IPA) E DA SOCIEDADE
PSICANALÍTICA DE FORTALEZA (SPFOR) - PSICANÁLISE: PROFISSÃO DA ESPERANÇA E DA
REALIDADE**

| PAULO MARCHON¹

¹ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ, da Sociedade Psicanalítica do Recife - SPR e da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR

Freud lançou o *bom mot* que se tornou famoso, dizendo que existiriam três profissões impossíveis – educar, psicanalisar e governar. Freud acrescentou que ele “[...] já estava inteiramente ocupado com a segunda delas”. E esta ocupação tomou conta de sua vida até a morte. Aos 83 anos, ainda estava revendo seus últimos escritos e lia *La Peau de Chagrin*. Ele e seus colegas transformaram o ofício de psicanalista em algo possível, lutando diuturnamente contra o impossível. É a profissão desta Esperança. Esperança que transformou os psicanalistas de todo o mundo, nestes mais de cem anos de Psicanálise, em tresloucados realizadores deste sonho impossível, enfrentando esta luta desigual em que temos que tentar, contra toda a vontade do paciente, conseguir que a parca e humilde realidade possa parecer melhor do que a fantasia, por mais celestial que esta seja ou pareça. Mostrar, sem tentar convencer e sem tentar vencer, que a Onipotência, por mais maravilhosa que possa parecer, não é tão poderosa assim, diante da reles potência do frágil ser humano que está ali, chorando em nosso divã, clamando pela sua onipotência perdida, acusando-nos de criminosos por lhes tirarmos o sonho maravilhoso em que estavam mergulhados e por os deixarmos ao relento, tendo os pés plantados na triste realidade e antevendo apenas a distante e fugidia imagem da esperança como frágeis consolos.

Não obstante todos esses senões e limitações, as sociedades de psicanálise foram se formando, com o objetivo também de formar novos lutadores da esperança. Vejamos, em largas pinceladas, como tudo isso começou.

Faltando quatro anos para terminar o século XIX, Freud perdeu o pai. Freud estava com 40 anos. Começou sua autoanálise, que ele vai considerar impossível de ser realizada, pois que, se isso fosse possível, não existiria a “neurótica”, isto é, a neurose, como disse em carta ao amigo Fliess. Consequentemente, também não precisariam existir psicanalistas. Em 1900, Freud publicou a *Interpretação dos sonhos*. Wilhelm Steckel, um dos primeiros a se interessar pela obra de Freud, sugeriu, em 1901, reunirem-se com alguns amigos para discutirem os temas *calientes* de suas preocupações sobre a emocionalidade. Eram cinco médicos: Freud, Steckel, Max Kahane, Reitler e Victor Adler. Eles não sabiam, mas estavam criando o que pouco tempo depois iriam denominar a Sociedade Psicológica das Quartas-feiras. Também não sabiam que, deste gérmen, iria nascer a formidável

IPA, com seus mais de doze mil membros e cerca de quatro mil e quinhentos candidatos a se tornarem analistas.

Hoje a IPA está presente em 63 países. Conta com mais de oitenta Sociedades Componentes, mais de vinte Grupos de Estudos e se entende em quatro línguas oficiais: inglês, espanhol, francês e alemão. Paul Federn e o pai do pequeno Hans, Max Graf, aderiram ao encontro das quartas-feiras e ficaram na história da Psicanálise desde estes primórdios. Steckel também ficou. Seus livros, entre os quais *A impotência no homem* é um dos que ainda são encontrados, embora bastante criticado pela grande maioria dos psicanalistas há muitos e muitos anos. Ele é mais conhecido porque sempre, nas reuniões na casa de Freud, acrescentava um caso dele, exatamente com aquele mesmo problema que estava sendo discutido: era o “paciente das quartas-feiras” de Stekel, como jocosamente os colegas comentavam. Em 1906, quando Freud estava com 50 anos, eram 17 membros. Em 1908, aos poucos, foram chegando Ferenczi, o futuro grande amigo e Karl Abraham, de Berlim; Ernest Jones, da Inglaterra; Paul Federn e Otto Rank, Eitington, Brill, Binswanger e, entre todos eles, o futuro Príncipe Herdeiro Gustav Jung.

Na primeira reunião dos discípulos de Freud, em 1908, em Salsburgo, estavam presentes 42 participantes vindos de seis países: Estados Unidos, Áustria, Grã-Bretanha, Alemanha, Hungria e Suíça. Freud apresentou, sem consultar uma nota sequer, durante 4 horas, o caso do “Homem dos ratos”. Dois anos depois, em 1910, em Nürnberg, eles fundam a IPA, elegendo Jung como seu presidente. Freud vivia sendo acusado, pelo meio psiquiátrico de então, de haver criado uma pseudociência de aplicação exclusivamente judia. O preconceito antijudeu graçava em Viena. Hitler passava da adolescência. Anos antes da Primeira Grande Guerra, Carl Gustav Jung, um teutônico típico, afinal um não judeu talentoso, era a esperança de resgatar a Psicanálise dessa visão estreita, de uma suposta ciência judia, recuperando assim a universalidade do nosso saber. E assim Jung foi eleito o primeiro presidente da IPA. Mas os adeptos vienenses que haviam sofrido a acirrada oposição pública, junto com Freud, desde o princípio defendendo as ideias do Mestre, queriam também um lugar ao sol no estrelato psicanalítico da direção da IPA.

Freud conseguiu recompor sua base vienense abdicando da presidência da Sociedade de Viena e deixando-a para Adler. Mas isso não desfazia a diferença em relação às ideias básicas entre Adler e Freud. Aos poucos, também, foi se mostrando mais evidente a não aceitação, por parte de Jung, da importância radical da sexualidade, dentro da concepção psicanalítica de Freud. O conflito entre os dois foi crescendo de tal forma que a calorosa aceitação mútua deu lugar a uma separação dolorosa. Em 1914, Freud iria publicar a *História do Movimento Psicanalítico*, em que narra a luta contra Adler e Jung. Era a primeira guerra mundial da Psicanálise. Nós estamos a 100 anos de distância e só temos a declarar nossa admiração por estes bravos que povoaram o mundo com suas ideias, seus conflitos, suas inteligências e seus saberes. Todos eles, gregos e troianos, foram fundamentais na criação e na criatividade da IPA. Talvez uma formulação típica cearense fosse dizer que ela, a *International Psychoanalytical Association*, carece de um Homero, de um poeta que mostre sua beleza e fulgor desde aqueles primórdios.

Vamos nos lembrar da primeira mulher na Sociedade Psicológica das Quartas-feiras, reunião dos colegas que tiraram Freud do longo e não tão esplêndido isolamento: Margarethe Hilferding, uma marxista, que tomou o partido de Adler na disputa deste com Freud. Não podíamos esquecer-nos de Lou Andrea Salomé, mulher e psicanalista apaixonante e apaixonada, um nome que envolve Nietzsche, Rilke, Paul Réé, Carl Andreas e outros mais. Arrebatava as inteligências com quem se envolvia pelo poder de sua mente extraordinária, pela beleza marcante e personalidade ímpar.

Depois de Jung, em sucessivas etapas, foram sendo eleitos presidentes: Abraham, Ferenczi, Jones e, em 1925, Eitington e, com ele, a IPA passou a dirigir e centralizar a formação psicanalítica, baseada no famoso tripé: análise pessoal, supervisão e curso teórico. Como era de se esperar, houve reações a este modelo, mormente por estabelecer análises prolongadas, com sessões com tempo determinado de 45 a 50 minutos, quatro a cinco vezes por semana, tendo como regra fundamental a associação livre de ideias.

Em 1927, o Brasil, Durval Marcondes, de São Paulo, solicita inscrição na IPA,

fundando a Sociedade Brasileira de Psicanálise. Porto Carrero, um pioneiro da psicanálise no Rio, trocou uma pequena correspondência com Freud, tentou filiar-se, mas as dificuldades foram muitas e só em 1936 Adelheid Koch, a primeira analista-didata a pisar o solo brasileiro, realizou os sonhos de Durval Marcondes, em São Paulo. Este feito de Durval estimulou o Rio a procurar pelo mundo, por meio de Ernest Jones, um analista didata. Até Paula Heiman, Marie Langer e outras foram convidadas antes da vinda de Mark Burke e Wilhelm Kemper. Brasileiros iam fazer formação psicanalítica na Argentina, dançando Freud ao som do bandoneón, ou em Londres, sob inspiração kleiniana. Em 1951, a Sociedade de São Paulo foi aceita pela IPA. Em 1955, a IPA aceitou a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, a Rio 1 e, em 1959, foi criada a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, a Rio 2.

Essas duas sociedades cariocas patrocinaram a Sociedade Psicanalítica do Recife, que começou em 1975, como nós de Fortaleza, com o simples Núcleo Psicanalítico, com José Lins de Almeida e Lenice Sales nas funções didáticas. A Lenice é a grande dama da Psicanálise nordestina. Vamos sintetizar os feitos de colegas que mereceriam nosso mais entusiástico aplauso. Sônia Lobo monta uma ponte-aérea Fortaleza-Recife ida e volta com José Lins de Almeida no epicentro; é a primeira psicanalista da IPA a pisar em solo cearense e a grande dama da Psicanálise em nossa terra. Maria José de Andrade Souza procurou análise em São Paulo, onde se formou, e, felizmente, voltou para a alegria de todos nós; Valton Miranda Leitão foi em demanda de mais luzes a Porto Alegre; Galba Lobo foi de Fusca ou de Gordini, aquele carro que desmanchava como Leite Glória, com a família toda, durante anos e mais anos, para Buenos Aires ida e volta; Barbosa Coutinho, Maria do Socorro Nascimento e Rosane Müller preferiram a terra da garoa, em seus diferentes matizes e com diferentes enfoques. Roberto Nóbrega, após longa passagem no Rio, ainda encontrou fôlego para ir a Buenos Aires. Todos eles, juntos, produziram, encenaram, dirigiram e protagonizaram o filme *Psicanalistas de Fortaleza, o retorno!*. Paulo Marchon, de Minas Gerais, Cachoeiro do Itapemirim (capital secreta do mundo) e do Rio, ajudou a criar com os artistas daqui o filme *A formação da SPFOR*. Francisco Sidcleiton Viana Jucá, Almerinda Castelo Albuquerque, Teresa Monica Bastos, Ina Gonzaga e Regina Alcântara se mantiveram como sentinelas à espera do que pairava no ar

e que viria a se materializar: a formação psicanalítica em Fortaleza mesmo. Nós atestamos e reconhecemos a firma no cartório: ela veio! Depois dessa primeira leva de analistas em formação, veio a segunda turma com um time respeitável, em seguida a terceira turma e, agora, já estamos com a quarta. A quinta turma está vindo por aí. Não cito o nome de nenhum deles porque sei que eles saberão inscrever seus nomes na história da SPFOR e na história da Psicanálise. Vocês não perdem por esperar. Seus nomes vão ofuscar os nossos. Já estamos sentindo o perigo no ar...

A Sociedade Psicanalítica do Recife, desde 1998, coordenou e apoiou a formação do Núcleo Psicanalítico de Fortaleza, que se transformou, em 2009, em *Fortaleza Study Group*, um grupo de estudos aguerrido, sonoro, de nome e renome GEPFOR. Sem Recife e o apoio dos colegas da Sociedade mater, não poderíamos ter conseguido nosso status atual. O agradecimento aos colegas de lá é feito por nós de forma contida, simples, sem alarde, mas de coração batendo forte no peito... Eles foram maravilhosos como colegas, professores e supervisores. São psicanalistas na real acepção do termo. Não íamos especificar nenhum nome em especial porque, na realidade, devemos muito a todos, a toda aquela formidável Sociedade Psicanalítica do Recife, mas vamos nos expor a fazer injustiças e salientar alguns nomes: Fernando Santana, presidente no nosso momento inicial em 1998 e presidente também agora, neste nosso novo momento inicial de Sociedade Psicanalítica de Fortaleza; Ivanise Cabral, dando-nos apoio em momentos essenciais; o inesquecível Antonio Carlos Escobar, que tanta falta nos faz, e os extraordinários analistas Alirio Dantas, Mario Alberto Smulever e

Austregésilo Castro.

Em 2005, houve o primeiro Congresso da IPA no Brasil, no Rio, e foi um grande sucesso. Neste mesmo ano, um brasileiro, Cláudio Eizirik, foi eleito Presidente da IPA. Particpei, em Chicago, em 30 de Julho de 2009, da entrada do *Fortaleza Study Group*, o nosso GEPFOR, na IPA, como Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza.

É hora de cantarmos o hino oficial da cidade – Fortaleeeeeeeza!!!! – com fervor e valorizarmos o esforço de tantos colegas, os citados e os não citados, inclusive os colegas nossos que, nos divãs, nos transformaram em melhores analistas. Agradecemos à IPA, que conseguiu manter este núcleo central de uma Psicanálise em alto estilo, de uma formação constante, contínua e continuada. O que seríamos nós sem ela e sem Recife? Talvez fôssemos um bando, sem nos conhecermos. Hoje somos um grupo, um berço de criatividade, sob o amparo, o calor, o frescor dos róseos dedos da Aurora do conhecimento do inconsciente humano, vislumbrado pelo genial Sigmund Freud.

E agora, minha gente, que acordamos do sonho e somos Sociedade Psicanalítica de Fortaleza, ou, se quiserem, *Fortaleza Psychoanalytic Society*, a mais nova Sociedade Componente da IPA, com o sponsorato altissonante de Altamirando de Andrade e Eva Ponce de León? E agora? O que fazer quando a realidade surge diante de nossos olhos e vemos o sonho tornar-se um fato absoluto e descortinamos a esperança a desdobrar-se à nossa frente tangível, tocável, límpida, esmeraldina?